

RELEVO: O MUNDO AOS 40

Sérgio Nunes de Jesus¹

As arestas que temos que enfrentar, podar e, ao mesmo tempo, nos adaptar faz parte de um convívio social – cultural e ideológico isso mesmo: “ideológico”. A ideologia vai se materializando ao longo das nossas vidas desde a infância até a fase adulta.

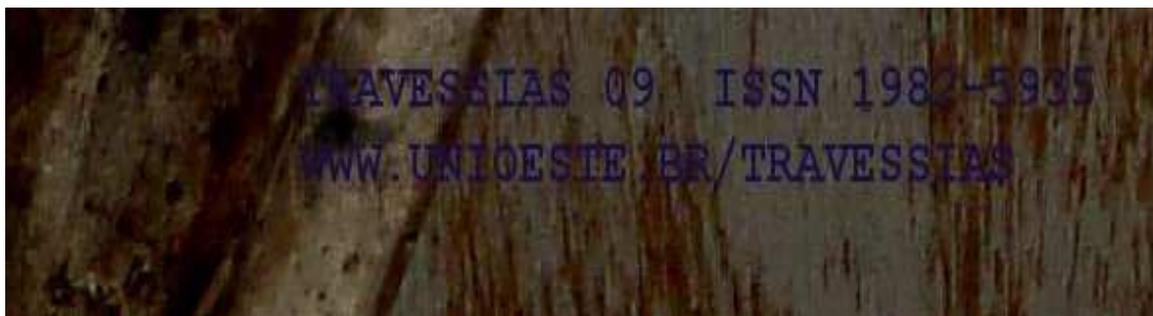
Essa saliência milenar vai moldando as perspicácias particulares dos desejos insanos que nos permeiam no ceio de vontades incontroláveis que ressalta em nosso livre arbítrio de “indivíduo” que ao se reconhecer como “sujeito” de suas ações e vontades deixam suas marcas materializadas com a ideologia.

Dessa relevância que se constitui com/na ideologia o indivíduo pode e deve fazer a diferença como sujeito da ação. Aos 40, por exemplo, as reminiscências parecem tomar essa forma material que a ideologia estabelece entre os indivíduos e os objetos de suas relações sociais.

Quando criança, imaginamos um mundo de fantasias que até então, não nos damos conta da realidade: nua e crua ao nosso redor. E na adolescência a puberdade é o nosso chamariz: enquanto os garotos ainda pensam em estarem acompanhadas de colegas em jogos e festinhas fúteis - as garotas nessa mesma fase já pensam em namorar, aliás, “ficar”, pois na realidade os anos 2000 é uma porta ou válvula de escape para que a tecnologia dê às respostas possíveis as curiosidades dessa garotada.

Dos vinte aos trinta essas materialidades ainda parecem não levadas a sério por uma boa parte de nós como “indivíduos”, pois se fosse como “sujeitos” acreditam que a interpelação

¹Membro Fundador da Academia de Letras de Cacoal – RO. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Cursa Doutorado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS sob a orientação da Professora Dra. Ana Zandwais - UFRGS. sergiocanibal@hotmail.com Poeta, músico e escritor.



ideológica faria *jus* em pontos de vistas tanto particulares como também coletivo. Observamos que nessa fase dos 20 aos 30 a questão ainda se perpetua em “festinhas” onde as azarações são pontos primordiais para durante e após. No entanto, pensar em um futuro nessa perspectiva ainda é algo que não faz parte desse universo de azarações.

Já dos 30 aos 40 parece que se perpetua certo grau que cumplicidade entre a vida que passa diante dos olhos e o futuro que ainda é preciso estabelecer.

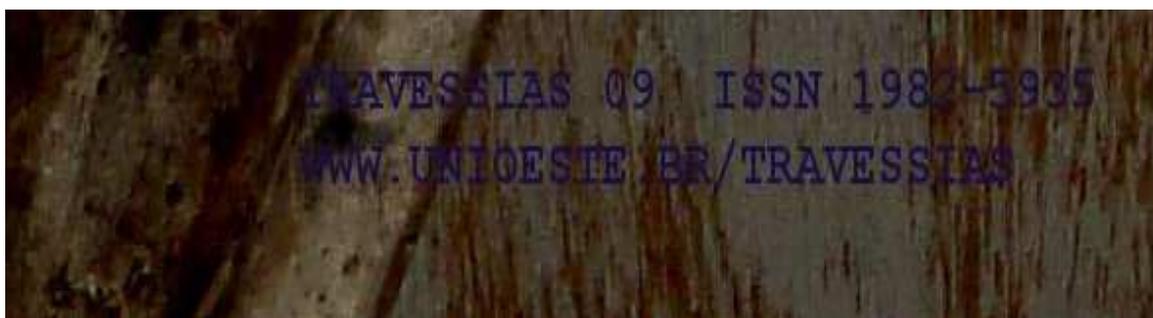
Certa feita ouvir uma colega comentar: - se o fato de não encontrar alguém com poder aquisitivo melhor e que possa dar condições plausíveis de viver “favoravelmente” – é melhor tentar estudar... Essa perspectiva embora particular é um exemplo cabal da maneira em que a materialidade ideológica impregna-se no interior de cada indivíduo que ao se reconhecer como sujeito, as suas relações sociais tornam-se mais visíveis aos olhos e percepções alheias dos pontos de vista. É como se a adolescência embora não fizesse parte em sua forma física, mas mental – que acompanha o indivíduo até certo momento da vida...

Aos 40, esse **relevo** se torna perene. Mudam as perspectivas na vida como: uma vida estável, alguém para compartilhar perspectivas, viagens, alegrias de preferências sempre alegrias, mas como na vida nada é tão perfeito, as tristezas também.

Observamos que a ideologia nessa fase é quase que uma espécie de simbiose entre o sujeito e a sua relação como o outro. Entre a vida profissional e dessa a familiar como suporte para uma estabilidade nas relações sociais do homem. Realçar esse tipo de convívio é quase uma loteria – dessas que jogamos toda semana e os resultados nunca são os esperados.

As montanhas, os vales, as planícies, os recalques arquitetônicos são a nossa válvula de escape para continuarmos a tentar o que da vida se torna cada dia mais raro, mais precioso como uma jóia, daquelas que só temos a visão quando sonhamos. Mas até os sonhos podem ser também realizáveis e realizados, porém como sempre há as ressalvas: é do nosso modo de ver as coisas e a vida que esse relevo pode se tornar parte da nossa vida.

Materializar os nossos sonhos e perspectivas a partir da ideologia é compartilhar e perceber ao mesmo tempo em que os 40 é o relevo do indivíduo que ao se reconhecer como o “sujeito” se transforma e, acima de tudo, passa a perpetuar a grandiosidade humana como suporte da vida do homem em/na/para a sociedade. Ou seja, se o sujeito é um ser estritamente



ideológico ele parte da contradição que se internaliza e o divide desde sempre – o homem é um sujeito contraditório que perpetuará mesmo ao se moldar nos *RELEVOS* da vida.

CÂNTICO DO CALVÁRIO: *A CRUCIFICAÇÃO*

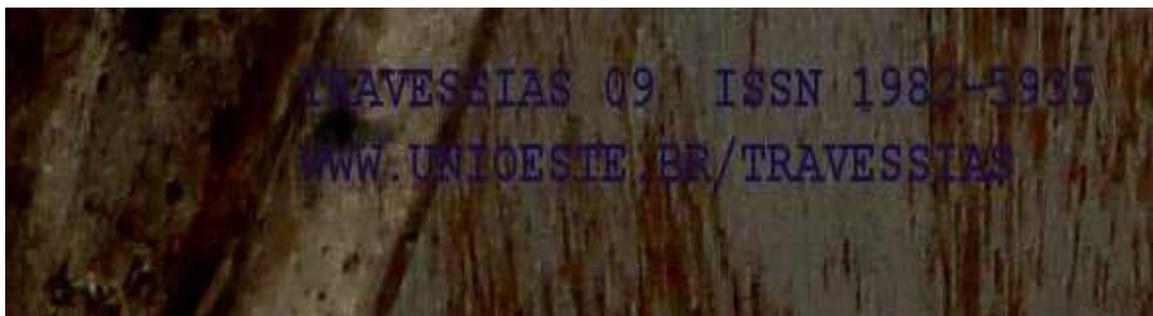
Numa madrugada qualquer, em pleno dia dos namorados, sozinho, lendo a Bíblia Sagrada, em meio ao disparate de outros livros e a fazer as leituras da semana para dá conta dos compromissos da Pós-Graduação “Doutorado/Letras”, no último Estado do Brasil, da região Sul, Rio Grande do Sul e morando numa pequena cidade chamada Esteio – quer dizer, bem na verdade, na divisa entre duas cidades: Esteio e Sapucaia do Sul – parece até engraçado, mais é isso mesmo; na rua que separa as saudosas cidades – bem no meio delas...

Em casa, no maior tédio; mudo demasiadamente os canais da TV, apenas dois, eram os que funcionavam naquele momento... De repente, uma voz sedenta em um desses canais, ao parar numa das programações, dizia: - Abram a Bíblia em Isaías² 55:8.

Num dado momento, parei naquele canal que chamou a minha atenção, peguei a Bíblia e fui ler a palavra: *Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor.* Pensei por um instante naquelas palavras que insistiam em inculcar e, ao mesmo tempo, rememorar uma segunda passagem bíblica: *E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas* (Gênesis 1:16, p. 3).

Rememorar essas passagens é “escavar” da memória manifestações que se materializam e se constituem de uma vivência social, histórico e cultural em cada indivíduo – assim, sentei à poltrona e relativizei essa memória ao refletir sobre o Criador, Deus-Pai e Filho.

² BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida [edição revista e corrigida] 64. ed. Imprensa Bíblica Brasileira: Rio de Janeiro, 1987. p. 696.



O Cântico...

...Num súbito luminar de uma noite, as estrelas presenciavam o *Homem*, que refugiado entre as figueiras, orava; outros homens o acompanhavam e, um deles diante um concílio ecumênico, trocava a vida do Homem que dele, o traidor, sempre teve compaixão, e agora por um punhado de moedas de prata o entrega àqueles a um Cântico que relutaria dali em diante no Calvário e na Crucificação.

À noite, mesmo com estrelas abençoadas para iluminar as trevas, não mais apareciam... Escondiam-se ao presenciar que a crucifixão era inevitável e *Ele* cumpriria o designado pelo Pai.

Judas, amigo falso, traidor – esse foi o nome. Do outro lado da cidade, *Ele* orava junto aos outros homens, mas ainda a preocupação tomava conta daquela alma frágil pedindo ao Pai: - *Ouça-me, Pai. Levanta-te, defenda-me. Me salva das ciladas que armaram para mim.* E ainda, olhando para os Céus pede: - *Se for possível, afasta de mim este cálice...*³

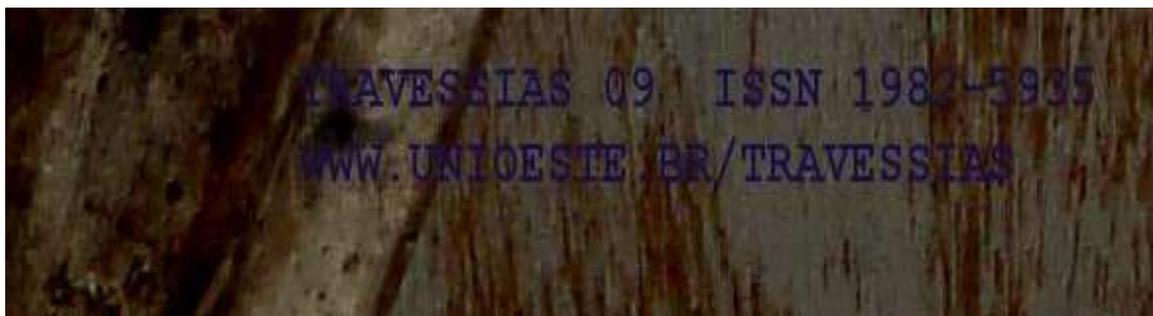
Dali em diante, o Filho sabia; o crucifícamento era inevitável – esperou de braços abertos, sem reagir e sem questionar os desígnios do Pai... O beijo que o condenara também se arrependera – mas era tarde demais... Alguns fugiram, outros reagiram, *Ele*, no entanto; estático, abençoava um dos seus algozes colocando a orelha que foi decepada no entremeio ao cárcere subjugado pelos pecados dos homens e da humanidade.

A Crucificação...

...Escorraçado pelas ruas, humilhado pelos soldados e as pessoas que o designavam como traidor embalado por um discurso ecumênico. O incrível é que *Ele* olhava todas aquelas pessoas não como algozes carrascos, mas com um olhar benigno, puro, sem maldades... Lembrou por alguns instantes seu antigo ofício de carpinteiro, ao se dedicar com uma perfeição divina; sorria para a Mãe, brincava – Eles ganhavam o dia... As lembranças causam furor nos sentimentos – traz à tona a vida, mesmo que despedaçada.

Levado ao rei Herodes para ser julgado, o jovem galileu permanecia cabisbaixo; a mãe, pobre coitada, do outro lado a observar tudo de longe, comenta com um dos amigos do filho

³Trechos retirados do filme: *A Paixão de Cristo*. Mel Gigson.



com as mãos levantadas aos céus: - *Começou Senhor*⁴. Essa percepção nos faz lembrar que as palavras de uma mãe são sagradas e abençoadas.

O Galileu diante daquele tribunal inquisidor sofeja algumas palavras: - *EU SOU... e vereis o Filho do Homem assentado à direita do poder...e vindo sobre as nuvens do céu*⁵. Os inquisidores não se contentaram e passaram a gritar “morte, blasfêmia, morte” e, junto a eles, a multidão acompanhava com socos, pontapés, xingamentos e insultos desprezíveis a um ser humano... Herodes o recusa, o seu melhor amigo o renega três vezes para não ser castigado e crucificado; o traidor Judas enlouquece da barbaridade que cometeu ao Filho do Pai...

O filho, ainda enclausurado, espancado constantemente, sente os suspiros daquela que durante trinta e três anos cuidou da sua fragilidade de criança, dos cuidados da sua adolescência e agora, adulto – ela apenas observa ao longe, sem ao menos chegar perto, abraçar ao filho, beijar a face e o seu corpo que um dia carregou no colo.

O Pai observa de longe também. Uma pomba levemente voa baixo aos olhos do Filho que entende a sua missão na terra. Pôncio Pilatos, ao recebê-lo para também subjugar-lo, rejeita aquela alma pura que ali habitava, mas os algozes ainda insistiam pela crucificação e liberta o maior criminoso, “Barrabás”, assassino e ladrão. Ainda não satisfeitos, os inquisidores exigem uma punição voraz, um castigo sem igual que só em lembrar aflige também a minh’alma de mortal.

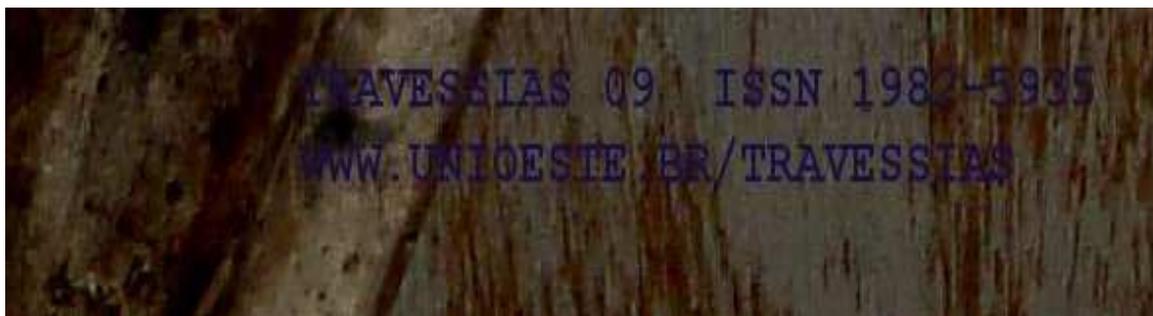
Retiram a manta que o cobrira de maneira maltrapilha, mas mesmo assim *Ele* diz: - *Meu coração está pronto, Pai... Meu coração está pronto*⁶. E a cada açoite era como se nós, pecadores e mortais estivesse sendo perdoado... A dor é tão grande que *Ele* não sentia dor; não essa dor carnal que estamos acostumados a falar quando alguém “bate ou esbofeteia outro”, não! Mas a dor n’alma, de dentro, por tudo que fizemos e o que estamos a fazer agora no presente.

As gotículas de sangue que espiravam daquele corpo esquelético mais pareciam não estancar com a brutalidade que seus carrascos impunham sem igual... Sem limites... Sem

⁴Idem.

⁵Ibidem.

⁶Idem.



remorso... Meu Pai, hoje sinto pelo Teu Filho, sinto pelo que ainda não fiz... Por todos aqueles sorrisos de brutalidades perdoados por *Ele*, seu Filho Amado...

A Mãe, clama, chora e, ao mesmo tempo, aceita; limpa o sangue do filho, que com aquela que fora salva da multidão ao ser quase apedrejada, teve a bênção também. O choro não é contido, os soldados cravam-lhes uma coroa de espinhos e um manto para simbolizar a figura do rei dos judeus. A caminhada parecia não acabar naquelas vielas sem fim...

Ao longo do calvário *Ele* lembra a face de Maria Madalena e da *benignitate*⁷ que há nas pessoas ao ser condenadas por pecadores de alma e espírito – que é o pior deles, e está dentro de cada ser humano...

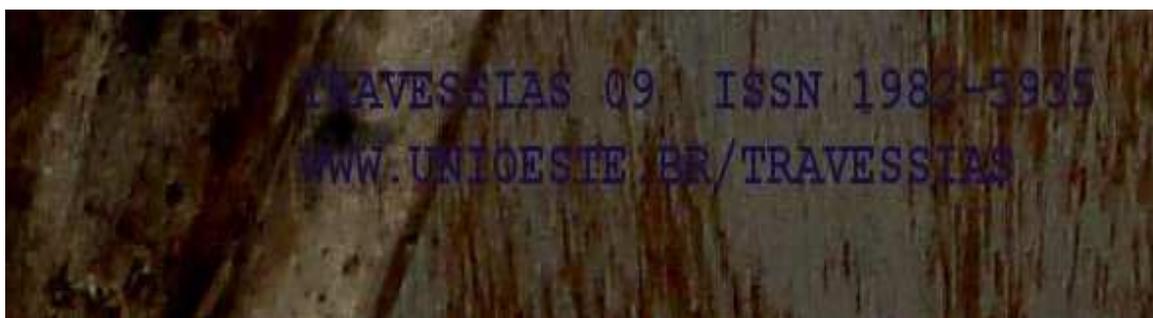
A cruz que lhe é apresentada como dádiva ao sacrifício do Pai é também abraçada como um troféu pelo Filho que é o servo do Pai e Filho da sua criada; Maria, a mãe amada que sofre os segundos daquela brutalidade compartilhada com os ignorantes da cidade que insistiam no castigo daquele *Homem*...

Cada passo parece não ter um fim. A multidão enfurecida é observada por aqueles olhos de compaixão ao ver a mãe entre a tudo e todos. O peso é descomunal, o sacrifício torna-se um martírio pelas ruas inóspitas de gente – a mãe inconsolada clama ao Pai mais uma vez e não é atendida e então o Filho cai à sua frente, a seus pés... O choro é incondicional... - *filho, estou aqui... Estou aqui!* – Mãe, veja, eu faço novas todas às coisas...

Caro leitor, ao rememorar a delicadeza dos detalhes dessa parca memória discursiva, deságua... Inóspito aos soldados que em toda jornada não foram hostis – a maldade tomava conta àquelas pobres almas condenadas à miséria e ao caos naquela cidade sem fim...

Ao cair no chão, uma mão amiga o ajuda com a cruz que aos poucos mais parecia um fardo de toneladas... – uma jovem judia aproxima-se em meio às atrocidades e limpa o rosto daquele *Homem*, que mesmo castigado constantemente não sabe distinguir a dor e a razão daqueles que um dia o recebera com ramos e saudações na entrada da cidade, – e que agora o pune veemente...

⁷Palavra que vem do latim e tem como significado: *benignidade*.



Ele olha com um olhar de graças o monte que pregou que clamou ao Pai, e agora se aproxima do sepulcro da sua vida. A luz provinda do Pai ilumina o que quase não mais inteligível cega a tua face, o separa da sua mãe, dos seus amigos, dos algozes, da maldade, da vida...

Carregado como se fosse uma carne esquartejada e cortada num matadouro, *Ele* é posto diante a Cruz. Três pancadas estremecem e adentram o primeiro cravo diante a mão esquerda, que atravessada, respinga o sangue do choro da mãe quase desmaiada ao presenciar cada momento da crucificação no calvário, do martírio do Filho, do tormento do Pai, do sofrimento e dessa via-crúcis daqueles que acreditavam e que hoje devem acreditar na palavra divina...

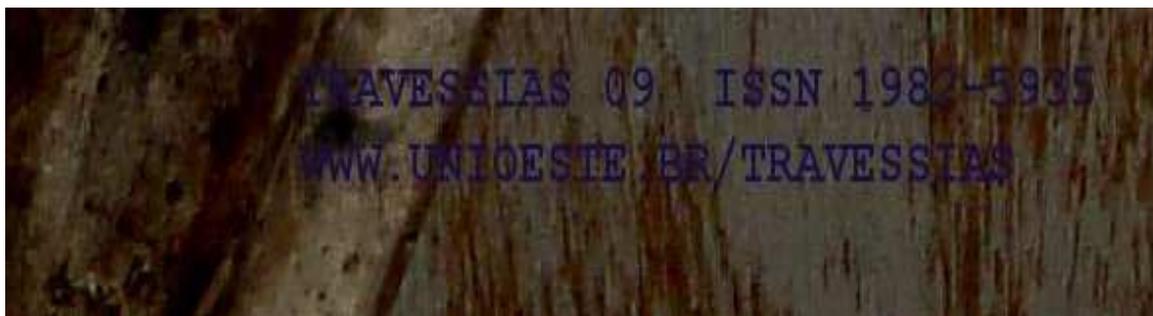
As maldades continuam no braço direito que é quebrado para que o segundo cravo fosse colocado com a perfeição de um artífice ao terminar a obra. E o terceiro travado nos pés... Um breve sussurro é clamado pelo Filho: - *Pai, eles não sabem o que fazem...* A respiração quase desfalecida, ainda tem forças para gritar. A visão quase na treva da escuridão ver num lapso de luz a placa que carregaria: *JESUS NAZARENVS, REX IVDCORVM*⁸ - um troféu dos algozes pelas atrocidades ao Filho de Deus.

Nos minutos finais, *Ele* lembrava a última ceia; a dor naquele momento parecia incontrollável, ao lado de dois ladrões foi condenado por nada ter cometido por uma inquisição ecumênica que ainda insiste em sê-la perfeita, mas, demonstra ser uma das maiores pecadoras da humanidade; como inquisidora, corrupta e pedófila ao longo da história da romanização e da criação do cristianismo.

O *Filho* é benigno, pede em suas palavras: - *Pai perdoa-lhes eles não sabem o que fazem.* Um dos “injustos pela lei” que estava ao lado do filho do criador pede que o *Filho* lembre-se dele quando entrar no Seu reino. E, no mesmo instante é abençoado: - *Assim seja eu lhe digo neste dia você estará comigo no paraíso.*

A agonia é visível, o céu que estava iluminado se transforma em escuridão e a Mãe, agora aos pés do *Filho* crucificado chora e ouve o último apelo ao Pai clamado pelo primogênito... – *Meu Deus porque me abandonou? Está consumado. Pai, em tuas mãos eu entrego meu espírito.* E assim, uma súbita gota d’água cai ao lado do *Filho* como se fosse um choro ainda preso, que aos poucos

⁸ Jesus de Nazareno, O Rei dos Judeus.



deságuam sem parar... Agora nos braços da Mãe que, finalmente, beija o rosto do Filho desfalecido no monte do calvário pela sua crucificação – o Pai entende a perda... E naquele olhar perplexo da mãe que perdera o *Filho* nos faz perceber o que não somos - nada, não somos realmente nada sem compaixão ao próximo. E assim, também posso sintetizar uma última passagem que nos diz: ***Ele que foi ferido por causa das transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades, pois pelas feridas fomos curados.*** (Isaías 53)

Caro leitor, esse pequeno texto rememorado trás à tona a dimensão da importância de sermos, se não muito, mas um pouco justo em saber perdoar – mesmo que seja doloroso-humilhante e, ao mesmo tempo, menos sincero. Porém, cabe salientar que não é uma tarefa fácil a nós, pobres mortais, e a dica é: aprender e aprender sempre ao longo dos dias – quiçá, segundo Renato Russo, *no livro dos nossos dias...*

Aprendi nesses pequenos longos anos que as pessoas são o que são e não devemos moldá-las - as personalidades são particulares e não podemos mudá-las e sim melhorá-las; e o amor, ah, o amor, esse deve ser construído todos os dias e deverá ser liberto como uma ***Fênix***; e quando o dia dela chegar, sem perpetuar, e se não for interesse dos amantes em construir uma vida juntos... ***LIBERTE...*** Assim diz o Senhor: *sem sacrifício não há vitória...*